



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Redeenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Lauana Paula Barbacena Garcia

O LUTO PELO CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA

Palmas – TO

2017

Lauana Paula Barbacena Garcia

O LUTO PELO CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a Dra. Irenides Teixeira

Palmas – TO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Centro Universitário Luterano de Palmas - TO

G216l Garcia, Lauana Paula Barbacena
O luto pelo corpo infnartil feminino a partir da adolescência / Lauana
Paula Barbacena Garcia - Palmas, 2017
51 fls.

Monografia (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas, 2017/2

Orientador (a): Profª. Dra. Irenides Teixeira

1. Luto. 2. Adolescência. 3. Corpo feminino. I. Teixeira, Irenides II. Título.
III. Psicologia.

CDU:159.9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo – CRB 2/1527
Todos os Direitos Reservados – A reprodução parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio
deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº
9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Lauana Paula Barbacena Garcia

O LUTO PELO CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof.^a Dra. Irenides Teixeira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Irenides Teixeira

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis Souza

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Me. Fabiano Fagundes

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

Dedico esta pesquisa a todas às meninas, mulheres, senhoras, que em algum momento de sua vida, por menor que fosse, por mais simples que parecesse, sofreram a angústia decorrente das mudanças do seu corpo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria, paciência força e determinação para poder encerrar esse ciclo.

Agradeço a meus pais, Neilson e Marlene por toda força, amor e compreensão pela minha ausência durante esses 05 anos dessa fase. Por me compreender e me mostrar que posso ir sempre mais, por ser luz nos meus dias mais difíceis e não me deixar desistir e nem desistir de mim, me respeitando e aceitando minhas decisões. Obrigada por me fazer passarinho!

Agradeço aos meus irmãos pela força e o amor que é transmitido por eles, em especial ao meu irmão Paulo, por ter sido essencial e pelos incentivos diários de suas mensagens de bom dia, suas ligações nos momentos mais difíceis, por todo o carinho e amor que existe entre nós e por tamanha humildade.

Agradeço minha amiga Juliana, por dividir uma casinha comigo e ter tanta paciência, principalmente nesses últimos semestres. Obrigada por ser esse ombro amigo e me escutar quando falo sem parar, obrigada por tanto amor.

O meu agradecimento em especial para a minha orientadora Irenides, por ser essa pessoa tão acessível, resiliente e tão feliz. Pelos puxões de orelha, pelos ensinamentos, pela paciência, pela força e por contribuir com minha formação profissional e pessoal. Sou imensamente grata por tudo que tem feito, não só como orientadora de TCC, mas como coordenadora do curso, minha gratidão, admiração e respeito pelo seu trabalho, muito obrigada!

Agradeço a minha banca, professores Fabiano Fagundes e Cristina Filipakis, pelas sugestões, correções e orientação para um trabalho cada vez mais valioso.

Agradeço a todos os professores pela dedicação em nos ensinar seus saberes. Em especial agradeço a Cris por ser essa pessoa tão maravilhosa, quanto coordenadora e supervisora, gratidão por todo o apoio que tenho recebido. É imensurável a admiração que tenho por você.

Agradeço minhas amigas, Olivia, Adrielle, Adylla, Ingrid, Victoria, Karina, pela energia boa, pela ajuda, pelos sorrisos, pelas lágrimas, pelos abraços, por todo o amor. Agradeço meus amigos, Eliezio, Ulisses e Erys. por serem tão companheiros, amorosos e gentis, muito obrigada!

Muito obrigada a todos aqueles de alguma forma acreditaram nesse trabalho, e contribuíram para que ele acontecesse, gratidão!

RESUMO

GARCIA, Lauana Paula Barbacena. O LUTO PELO CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/ TO, 2017.

A mudança do corpo infantil para a adolescência pode trazer grandes estranhezas para esse novo jovem e lidar com uma nova imagem corporal pode não ser uma tarefa fácil. As mudanças físicas são rapidamente percebidas, o corpo começa a se desenvolver de forma acelerada entrando em um processo de amadurecimento físico e emocional. A chegada da menarca para a menina é um dos eventos que marcam essa passagem. Esta pesquisa abordou a questão da perda do corpo infantil feminino com a chegada da adolescência e se há diferenças existem nesta perda entre as gerações e quais são elas. Verificando assim se é possível estabelecer uma relação da perda do corpo infantil para adolescência com o modelo dos cinco estágios diante do luto ou de notícias dolorosas, propostos por Elisabeth Kübler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação e as três fases do luto proposto por Aberastury, sendo eles: o luto pelo corpo infantil, o luto pelo papel da identidade infantil e o luto pelos pais da infância. Quanto à metodologia, a pesquisa definiu-se como pesquisa básica, de natureza qualitativa e exploratória; quanto ao procedimento metodológico a pesquisa se caracterizou como estudo de caso. A realização da pesquisa ocorreu no Serviço de Psicologia (SEPSI) do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA. O tipo de instrumento que para a coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada. Foram realizados dois encontros individuais com cada integrante de cada família, e um encontro em grupo com todas as participantes da mesma família. Deste modo, esta pesquisa contribuiu para a compreensão deste processo que ocorre com a chegada da menarca, e para a construção de estratégias que visem amenizar o sofrimento que por ventura as mulheres podem vivenciar no período dessa transição.

Palavras-chaves: Adolescência. Corpo feminino. Luto.

ABSTRACT

The shift from the infantile body to the adolescence can bring great strangeness for this new young person and dealing with a new body image may not be an easy task. Physical changes are quickly perceived, the body begins to develop rapidly, entering into a process of physical and emotional maturation. The arrival of the menarche for the girl is one of the events that mark this passage. This research addressed the issue of the loss of the female infant body with the advent of adolescence and whether there are differences exist in this loss between generations and what are they. In this way, it is possible to establish a relationship between the loss of the body from childhood to adolescence and the model of the five stages of mourning or painful news, proposed by Elisabeth Kübler-Ross: denial, anger, bargaining, depression and acceptance. mourning proposed by Aberastury, being: the mourning for the infant body, the mourning for the role of the infantile identity and the mourning for the parents of the childhood. As for the methodology, the research was defined as basic research, of a qualitative and exploratory nature; Regarding the methodological procedure, the research was characterized as a case study. The research was carried out at the Psychology Service (SEPSI) of the Centro Universitário Luterano of Palmas - CEULP / ULBRA. The type of instrument used to collect the data was the semi-structured interview. Two individual meetings were held with each member of each family, and a group meeting with all participants from the same family. Thus, this research contributed to the understanding of this process that occurs with the arrival of menarche, and to the construction of strategies that aim to alleviate the suffering that women may experience during the transition period.

Keywords: Adolescence. Feminine body. Mourning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

.

SEPSI – Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA.

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TALE – Termo Assertivo Livre e Esclarecido.

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PERCURSO TEÓRICO.....	14
2.1 DA INFÂNCIA PARA ADOLESCÊNCIA	14
2.2 A ADOLESCÊNCIA E AS TRÊS FASES DO LUTO PROPOSTO POR ABERASTURY.....	15
2.3 A MENARCA E A MUDANÇA NO CORPO FEMININO.....	18
2.4 OS ESTÁGIOS DO LUTO PROPOSTOS POR ELISABETH KÜBLER-ROSS.....	21
3 PERCURSO METODOLÓGICO	24
3.1 DESENHO DO ESTUDO	24
3.2 PROCEDIMENTOS.....	27
4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES	40
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	41
TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE.....	44
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	46

1 INTRODUÇÃO

O processo do adolecer é o período de passagem que é vivenciado pelos jovens no seu desenvolvimento e ocorre da infância para a adolescência, sendo essa a fase em que o adolescente busca definir seu papel dentro do círculo social no qual está inserido. Esta etapa da vida é marcada por mudanças biológicas com repercussões psicológicas e sociais, as quais impulsionam para um novo momento da vida. O adolescente se vê frente a uma configuração corporal desconhecida, que, a priori, pode ser assustadora.

A transição da infância para a adolescência é uma das fases mais marcantes da vida de um indivíduo. Constituem este período diversas inquietações, estranhezas e uma série de crises que o adolescente vai vivenciando gradualmente. É neste momento da vida que a personalidade está em fase final de estruturação, passando por esse período ainda com uma mentalidade infantil (OSÓRIO, 1992). Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS (1965), a adolescência inicia-se no início da segunda década da vida até os 20 anos.

Existem diversos tabus que envolvem a adolescência, como a sexualidade, a mudança que envolve o corpo, a menstruação, entre outros. Muitos pais ainda têm medo ou receio de conversar com os filhos sobre o que acontece quando ele passa da infância para a adolescência. Devido não saber como agir diante de algumas situações, pais e filhos acabam não dialogando sobre essas dúvidas, e os filhos buscam respostas no meio social (OSÓRIO, 1992).

O sofrimento e as perturbações que podem ser enfrentadas pelo adolescente nesta etapa da vida conseguem, de acordo com Aberastury (1992), ser suavizadas ou elaboradas de forma mais positiva se forem envolvidas no meio familiar e social. E é esse apoio familiar e social que tem uma importância no modo como o adolescente vivencia este momento, principalmente, por necessitar de modelos de identificação que contemplem seus anseios em relação às novas exigências da vida.

A adolescência também é marcada como um período de crises, o jovem começa a experimentar sensações novas. “A crise da identidade do adolescente decorre, à grosso modo, como duas forças que se antagonizam: uma impulsionando para a vida adulta, e outra atraindo para “os privilégios” da vida infantil” (LEVISKY, 1995, p. 69).

Essa crise que o adolescente vivencia nesse período, irá leva-lo a vivenciar sentimentos de recusa com a realidade, agindo de forma mais intolerante com as novas regras que são impostas a ele, é um período de obrigações e responsabilidades. Os papéis que são estabelecidos na infância vão sendo deixados para trás (LEVISKY, 1995).

Nesse fenômeno de mudança da infância para a adolescência, os jovens podem vivenciar alguns lutos, sendo um deles o luto do corpo infantil. A elaboração desse luto é algo que poderá acontecer de forma natural, porém, para a maioria dos adolescentes, a elaboração não é algo fácil. Isso obriga o jovem a aceitar um corpo que para ele não é seu, devido ainda estar acostumado com seu corpo infantil (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

Para as mulheres, a transição do corpo infantil para a adolescência torna-se um período ainda mais difícil. As modificações que ocorrem no corpo geram um sentimento novo e muito forte, por serem facilmente perceptíveis por todos. Com o passar das décadas, muitos processos mudaram, a menarca é um exemplo clássico dessa mudança. Antes, este período marcava uma passagem de um novo estágio, incidia todo um ritual, era tido como um acontecimento social. Atualmente, algumas adolescentes vivenciam a chegada da menarca de forma isolada, tornando a elaboração do processo da perda do corpo infantil ainda mais difícil. Com isso, essa nova adolescente experimenta sentimentos ainda mais fortes de ansiedade, solidão, entre outros que estão ligados a essa mudança (RUFFINO, 1993).

A psicologia, enquanto ciência que estuda o comportamento do ser humano e suas interações com um ambiente físico e social, deve estar junto de tal discussão. Além disso, entre os princípios fundamentais da atuação do psicólogo encontram-se a promoção da saúde e da qualidade de vida daquele que precisam de qualquer suporte ou ajuda psicológica.

Diante do exposto, a pesquisa pautou-se no seguinte problema: Como acontece o luto do corpo infantil feminino a partir da adolescência? Compreendendo que, para algumas jovens, ao passar da infância para adolescência são vivenciados períodos de crises por toda a modificação que ocorre naturalmente nessa fase. Diante disso, percebe-se a importância da intervenção psicológica, para que o adolescente vivencie de uma forma mais natural e calma a transição da infância para a adolescência, sendo de ordem fundamental para a construção de si e para seu amadurecimento. A ajuda psicológica é uma ferramenta de extrema importância

nesse processo, podendo auxiliar não só o jovem a vivenciar essa transição, mas aos pais que estão diretamente ligados a este momento, e que às vezes não sabem como lidar com tais situações.

É nesse contexto que se estabeleceu o objetivo desta pesquisa: Compreender de que forma ocorre o luto do corpo infantil feminino a partir da adolescência. Para que esse objetivo seja atingido, cumpriu os seguintes objetivos específicos: Analisar o discurso das mulheres participantes da pesquisa; Observar a relação da perda do corpo infantil para a adolescência com o modelo dos cinco estágios diante do luto ou de notícias dolorosas, propostos por Elisabeth Kübler-Ross: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação e as três fases do luto proposto por Aberastury, sendo eles: o luto pelo corpo infantil, o luto pelo papel da identidade infantil e o luto pelos pais da infância.

Nesse sentido, a pesquisa estruturou-se da seguinte forma: o percurso teórico do estudo abrange temas como a passagem da infância para adolescência, a adolescência e as três fases do luto proposto por Aberastury, a menarca e a mudança no corpo feminino e os estágios do luto que é proposto por Elisabeth Kübler-Ross. A metodologia utilizada consistiu como um estudo de caso e os resultados e discussão apresentam análise e sistematização dos dados encontrados para orientar as considerações finais. Por fim, encontram-se as referências dos autores citados no transcorrer do estudo.

2 PERCURSO TEÓRICO

2.1 DA INFÂNCIA PARA ADOLESCÊNCIA

Durante todo o processo do ciclo vital¹ a pessoa passa por diversas fases, e posterior ao nascimento inicia-se a infância. Este período que vai desde o nascimento até a adolescência é uma fase que traz a construção de vivências e experiências que ajudarão na estruturação da personalidade do sujeito, sendo uma base para a construção da sua subjetividade. Na infância há uma capacidade maior de recepção de reprodução das coisas que são vivenciadas, devido esta ser um processo imparável de conhecimentos (RAPPAPORT, et.al, 2001).

Até o século XVI não existia a infância tal como é concebida hoje. As crianças eram tidas como mini adultos, participando de todas as atividades que os adultos realizavam; somente depois da Revolução Industrial é que a infância foi colocada como uma fase distinta da fase adulta se tornando uma etapa específica da vida (ARIÈS, 2006).

Mesmo se tratando de uma fase que teoricamente sempre existiu, a infância sempre foi modificada devido aos conceitos sociais e históricos. Uma das características evidentes que marcaram essa mudança foram os trajes próprios para crianças, mas, deve-se ressaltar que apenas crianças de famílias nobres ou burguesas tiveram seus trajes diferenciados dos adultos, as demais que pertenciam as classes sociais mais baixas continuavam a usar trajes de adultos. “Elas conservavam o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através de trajes, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras” (ARIÈS, 2006, p. 141).

Atualmente existem vários tipos de preocupações em relação a primeira fase do homem. O uso excessivo e indiscriminado da tecnologia é uma delas, cada vez mais as crianças vêm trocando brinquedos como carrinhos, bolas, bonecas, pelo uso de aparelhos eletrônicos e deslumbrando-se com esse mundo novo que está ao seu alcance (BONA, 2010).

O mundo tecnológico da informação parece tomar conta ou pelo menos parte do mundo infantil. As crianças são apresentadas como mais espertas,

¹ “Ciclo Vital é o conjunto de etapas que passa um ser vivo do nascimento até a sua morte” (CERVENY, 1997).

autônomas, cada vez mais precoces em se relacionar com temas que fazem parte do chamado mundo adulto (BONA, 2010, p. 16).

Meurer (2002) pontua que a falta de tempo de alguns pais na atualidade também é algo que pode interferir no desenvolvimento da criança, influenciando em seu comportamento. Muitos pais dividem as tarefas de casa com o trabalho externo, assim, restringindo ainda mais o tempo com os filhos.

Na vida cotidiana às pessoas podem até se dar conta de que a infância já não é mais a mesma, que às crianças não é mais como antigamente, mas não concebem o fato de que essa nova realidade possa simplesmente anular o efeito de verdade que a ideia adquire na práxis. Ainda existem crianças, e ninguém duvidaria disso. Mesmo que a realidade apresentada possa mostrar que a utilidade do conceito (e do objeto) pode desaparecer. (MEURER, 2002, p. 21 e 22).

Nesse sentido, de acordo com os autores, a infância pode ser vista como uma fase da vida para entrar no mundo da adolescência de uma forma mais segura, porém, deve-se ressaltar que há um conjunto de situações que poderá influenciar nessa formação. A família, o meio social, a escola, são fatores essenciais para uma formação de identidade mais sólida, para então poder entrar na adolescência e vivenciar as crises que existem nessa fase posterior a infância.

Na adolescência existem transformações biológicas e conseqüentemente físicas, inclusive na forma do indivíduo ver o mundo. Mudanças essas que impulsionam o sujeito para um período ansioso de busca por novas sensações (PEREIRA, 2005).

O adolescente está à procura de sua identidade adulta. Busca novos modelos de identificação, e as possibilidades de fazê-lo numa sociedade urbana, industrializada, são relativamente ilimitadas. São infundáveis as alternativas que existem diante de si, através de seus colegas de escola, dos grupos que a pertence, do seu professor, técnico de esportes, um artista, um ídolo político ou religioso (LEVISKY, 1995, p. 23).

Tal fase é distinguida por múltiplas características, sendo uma das mais importantes a decisão de encontrar um novo lugar no mundo, é o início de um novo ciclo totalmente diferente. Do ponto de vista psicológico, “considera-se que o adolescente tem como tarefa básica a aquisição do sentimento de identidade pessoal, por isso diz-se que a crise evolutiva é, sobretudo, uma crise de identidade” (OZELLA, 2003, p. 15).

O adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas. O que configura uma entidade semipatológica, que denominei “síndrome normal da adolescência”, que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto,

mas necessária, absolutamente necessária, para o adolescente, que neste processo vai estabelecer a sua identidade, sendo este um objetivo fundamental deste momento da sua vida (ABERASTURY E KNOBEL, 1992 p. 09).

A partir dessa crise de identidade, o adolescente começa a perceber que está acontecendo mudanças incontroláveis tanto em seu corpo como em seu comportamento, e ao entrar em uma realidade que “não só deve enfrentar o mundo dos adultos para o qual não está totalmente preparado, mas, além disso, deve desprender-se de seu mundo infantil” (ABERASTURY E KNOBEL, 1992, p. 10).

Qualquer que seja o contexto sociocultural, a adolescência será sempre um período de crise e de desequilíbrios. Estas características são devidas tanto a mudanças fisiológicas que se realizam quanto às repressões psicológicas de inserção do jovem a comunidade adulta (LEVISKY, 1995, p. 19).

Esse novo adolescente vai adquirindo papéis adultos na medida em que começa a dar sentido sobre o que pode ocorrer com suas decisões futuras, de forma que vivencia e soluciona seus próprios conflitos, compreendendo como ocorre o seu desenvolvimento físico e cognitivo, avançando na busca e constituição de sua identidade se aproximando cada vez mais do adulto (FLAVELL, 1988).

2.2 A ADOLESCÊNCIA E AS TRÊS FASES DO LUTO PROPOSTO POR ABERASTURY

Na transição da infância para a adolescência, o adolescente começa a passar por um processo de luto. Aberastury, ressalta que “a elaboração do luto conduz a aceitação do papel que a puberdade lhe destina”. No processo do luto que esse adolescente está vivenciando surgem algumas defesas naturais, sendo uma dessas de negar a perda da infância (ABERASTURY E KNOBEL, 1992, p. 65).

Por hora esse jovem, por não conseguir elaborar sentidos sobre as mudanças que estão ocorrendo em seu corpo, começa a gerar sentimentos de ansiedade e de desencontro com a realidade antes conhecida por ele. “As transformações corporais, a perda da bissexualidade, da identidade infantil e dos pais da infância constituem os elementos que deverão ser trabalhados pelo ego, através de um processo longo e instável de elaboração do luto” (LEVISKY, 1995, p. 87).

O primeiro luto proposto por Aberastury (1992), é o luto pelo corpo infantil que, sendo de base biológica, impõe ao indivíduo vivenciar suas mudanças como algo externo, sentindo-se impotente pelo que ocorre com seu próprio organismo, gerando estranheza. Além de todo esse processo biológico e conseqüentemente físico, a criança se vê carregada de grandes responsabilidades (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

Durante essa fase a rapidez em que as mudanças corporais e as funções adultas vão adquirindo formas vão gerando um estado de desarmonia interna, obrigando a criança abrir mão da segurança garantida que aquele corpo infantil trazia e as relações com esse novo corpo se torna refém do imprevisível (LEVISKY, 1995).

Nessa fase inicial pode acontecer uma sensação de “desapego com a realidade”, como uma projeção de uma meditação intensa daquilo que apenas o adolescente consegue ver ou sentir, uma realidade que é apenas dele. E, aos poucos, ele vai entrando em contato com essa mudança física que está ocorrendo em seu corpo (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

A perda do corpo infantil para o adolescente, independente de sua vontade, irá trazer modificações gerando um sentimento de impotência e uma vontade de negar o crescimento diante de tais acontecimentos, como uma sensação de obrigação a assistir passivamente essa sequência de transformações que vão ocorrendo gradativamente (TIBA, 1986).

O segundo luto é pelo papel e identidade infantil, o que "obriga-o" a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes o adolescente desconhece. A partir do momento em que ele aceita as mudanças que estão ocorrendo fisicamente, começa o processo de uma nova identidade. "Nesta busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a da uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal" (ABERASTURY E KNOBEL, 1992, p.32).

O terceiro luto é com base nos pais da infância, os quais representam proteção e refúgio, pois a criança os vê como fortes, que sempre irão protegê-lo. Ao chegar à adolescência esse jovem começa a perder a imagem idealizada dos pais perfeitos, percebendo os defeitos e fraquezas dele e por vezes tornando uma relação conflituosa. Neste mesmo processo os pais precisam aceitar que os filhos já

não são mais crianças, e sim adultos, ou estão em vias de sê-lo e ambos são afetados por tantas mudanças (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

A perda dos pais da infância gera um estado de insegurança e conflito, visto que esse jovem tinha uma imagem dos pais como proteção e como uma referência organizacional. Não é raro os jovens atravessarem esta fase com certo sentimento de vazio por uma idealização dos pais (LEVISKY, 1995).

Para que esse processo aconteça é necessário que os pais ajudem seus filhos ensinando-os a serem autônomos, produtivos e terem iniciativa. O oposto acontece para aqueles que não conseguem integrar seus papéis e formar sua identidade, gerando a confusão de papéis. Ou seja, “o senso de não saber quem é, nem daquilo de que faz parte, nem de quem se está” (ERIKSON *apud* SCHOEN-FERREIRA *et.al*, 2003 p. 75).

Construir uma identidade implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido. (ERIKSON *apud* SCHOEN-FERREIRA *et.al*, 2003, p. 107).

A adolescência é marcada por sua complexidade, constituída de incertezas e obrigações. Um momento de mudança constante na vida do adolescente, mudanças físicas, psicológicas, fisiológicas e sociais. Lidar com essas mudanças é uma tarefa árdua que requer paciência e sabedoria, sendo essas, características difíceis nessa fase. “A consequência final da adolescência seria um conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento de vida” (ABERASTURY E KNOBEL, 1992, p. 30).

Em meio a estas mudanças, há uma busca de uma nova identidade, autonomia, definição sexual, social, ideológica e profissional. Lutos são vividos, relacionados à perda do corpo infantil, dos pais da infância e da criança que até então o jovem vinha sendo, e às vezes, o é, sem perceber ou admitir que assim seja. Concomitantemente, inúmeras descobertas são realizadas, transformando as dimensões do seu horizonte existencial (LEVISKY, 1995, p. 114).

Na fase da adolescência, esse jovem deseja experimentar sensações de “liberdade”, desejando dominar as mudanças constantes que estão ocorrendo em seu meio, vivendo uma ambivalência. O desejo de liberdade versus viver protegido pelos pais, uma ansiedade em realizar os seus desejos pessoais com necessidade de se sentir amparado, seguro e protegido (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

Todo esse processo que acontece na adolescência marca a transição do estado infantil para o estado adulto. Fatores psicológicos, sociais e emocionais compõem essa passagem, um momento evolutivo que, para alguns jovens, se torna a fase mais marcante do ciclo da vida (LEVISKY, 1995).

A passagem do corpo infantil para a adolescência traz questionamentos para alguns adolescentes que não estão preparados para essas mudanças, podendo entrar em conflito consigo mesmo, e principalmente com os pais, procurando respostas no meio social. O papel dos pais é de extrema importância nesse momento, mas deve-se ressaltar que o meio social e os grupos de amigos possuem um papel importante na construção dessa fase (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

2.3 A MENARCA E A MUDANÇA NO CORPO FEMININO

O corpo feminino é caracterizado por diversas mudanças em várias fases específicas. Uma das mudanças mais marcantes para a mulher, do ponto de vista psicológico, social e fisiológico é a passagem da infância para adolescência na qual ocorre a menarca, que é a primeira menstruação. A palavra menarca deriva do grego, significa *men*, que significa mês, e *arkhe* que significa começo. Menstruação vem da palavra latina *menstruums* que significa mês. A chegada da menarca marca a passagem do corpo infantil para a vida adulta. Esse fenômeno acontece devido os ovários começarem a produzir hormônios após o início da puberdade, marcando também o início da fertilidade, tudo isso ocorre de forma lenta e gradual (HORNEY, 1991).

Atualmente a menarca surge em torno dos 12 e 13 anos. Em meados do século XIX a menarca ocorria entre os 16 e 17 anos e por volta de 1920 chegava entre os 14 e 15 anos. São várias as causas que podem influenciar essa mudança no decorrer dos anos, entre elas estão sedentarismo, alimentação, consumo de bebidas alcoólicas e estresse. O histórico familiar, no qual a mãe teve uma menarca mais tarde, também faz ligação com essa mudança (SOUZA, 2012).

O contexto histórico que envolve a menstruação vem desde o século I. No século XIX, a Igreja impedia as mulheres de comungarⁱ no período em que estavam

menstruadas, pois o sangue naquela época era tratado como um veneno, impureza ou doença. Os homens sentiam medo das mulheres quando estavam neste período, para eles o contato que havia durante esse ciclo era algo fatal. “Os homens perdem a força, as pastagens secam, os pescadores e caçadores não pescam e nem caçam. A defloração representa o maior perigo para o homem”. No século XXI a menstruação já é vista com mais naturalidade (HORNEY, 1991, p. 133).

Muitas jovens envergonham-se de sua nova condição, mas não deixam de sentir um orgulho íntimo. Outras moças receiam que durante o período menstrual seu estado possa ser percebido pelos circundantes ou que elas estejam exalando algum odor, e alteram então a espontaneidade de suas atitudes (LEVISKY, 1995, p. 23).

A menarca é frequentemente vivenciada como uma época repleta de ansiedade, angústia, culpa e medo. Partindo deste pressuposto, as meninas passam de uma vivência de conforto com o seu corpo para uma incerteza sobre a sua feminilidade. “As mudanças que ocorrem nesse período levam à perda do antigo esquema corporal e das identidades infantis, buscando uma nova identidade” (CAMPAGNA, 2005, p. 26).

Na adolescência essas mudanças trazem sinais que essa menina está deixando os anos da infância para se tornar mulher e a menarca é o que representa essa passagem. Uma “ambivalência comum constrói também esse momento, angústia por ter que lidar com sua sexualidade versus o alívio ou orgulho por estar ingressando no “mundo feminino”, com a experiência de gratificações até então só vividas na fantasia” (SERON; MILANI, 2011, p. 157).

Ainda hoje a menstruação é vista por alguns como “um mal da mulher, razão pela qual, muitas vezes, o período menstrual é denominado como incômodo e sujo, fazendo com que este episódio tenha imagens negativas sobre a mulher” (BRETAS, *et.al*, 2012, p. 254). Diante disto, a menstruação passa de um processo normal fisiológico feminino se tornando um momento de constrangimento para a mulher e ainda existindo tabus diante deste ciclo natural do corpo feminino (BRETAS, *et.al*, 2012).

Com a chegada da menstruação, a agora adolescente vivencia como tarefa psíquica deliberar seu papel e identidade sexual (ABERASTURY E KNOBEL, 1992).

O corpo humano, até a adolescência, mantém uma identidade, que neste período sofre uma desorganização frente às características sexuais secundárias. Estas mudanças no corpo levam a uma perda da antiga imagem corporal e da identidade infantil, o que implica na busca de uma nova identidade. Nas garotas, essas mudanças fazem com que assumam uma nova posição na sociedade, assumindo um novo papel e uma nova identidade sexual. Segundo essa mesma autora, no período da adolescência, é vivenciado o luto pelo corpo infantil. A garota tem que aceitar a chegada da menstruação que irá definir seu papel como mulher. Estas mudanças, muitas vezes, são acompanhadas de um forte sentimento de angústia e estados de despersonalização, pois, para os adolescentes, a angústia está em perceber que é o próprio corpo quem produz essas mudanças. As mudanças que ocorrem no corpo durante a adolescência também afetam seu inconsciente, o desenvolvimento de seus interesses, seus comportamentos sociais e a qualidade de sua vida afetiva (ABERASTURY E KNOBEL *apud* FUKMACHI et al, 2003, p. 83, 84).

A adolescente vai vivenciando o luto do corpo infantil junto com a mudança que seu corpo apresenta, trazendo experiências de sentimentos novos. Como cita Aberastury, (1992) o próprio corpo produz mudanças, e gera assim uma angústia. Ainda que a identidade de um sujeito seja formada no decorrer da vida, é no período da adolescência que diferentes características, como sexualidade, crenças, desejos e objetivos de vida, se manifestam mais intensamente e a maneira como seu corpo é sentindo por essa adolescente nesse momento se torna uma condição fundamental para a formação da identidade (DEL CIAMPO, 2010).

Atualmente uma característica que marca a história da adolescência feminina é a insatisfação com o próprio corpo. O padrão de beleza imposto pela sociedade atribui o “corpo como um objeto de manipulação e de desejos, valorizando a magreza” (DEL CIAMPO, 2010, p. 56). A cobrança excedida da própria adolescente sobre seu corpo pode causar riscos à saúde, podendo desencadear diversas patologias, tais como, anorexia, bulimia, depressão, estresse, ansiedade, baixo-autoestima, entre outras (DEL CIAMPO, 2010).

Há uma estranheza de novo corpo nessa adolescente, tornando necessário para ela reconstruir uma imagem corporal, da forma que ela precisa se adaptar a sua nova estrutura física.

2.4 OS ESTÁGIOS DO LUTO PROPOSTOS POR ELISABETH KÜBLER-ROSS

O luto ainda é considerado como um tabu por boa parte da sociedade. Quando se fala em luto, logo se pensa na morte de uma pessoa, porém, o luto pode se dar desde a perda de um brinquedo da infância até a perda de um emprego. A

perda é algo de grande impacto na humanidade, mas, deve-se ressaltar que nem todas as perdas podem desencadear o luto, devido isso depender do quanto há um vínculo afetivo envolvido (BOWLBY, 1990).

O luto é um processo de aperceber-se, de tornar real o fato da perda. É um momento para que o enlutado vivencie esse processo, sendo esse um dos ciclos da vida mais severos para ser enfrentado (OLIVEIRA E LOPES, 2008, p. 218).

A psiquiatra e escritora Elisabeth Kübler-Ross tornou-se uma das grandes referências no processo da elaboração do luto. Desenvolveu uma pesquisa com pacientes em estado terminal em um hospital norte americano, a escritora acompanhava tais pacientes, onde relatavam suas frustrações, agonias e esperanças. A partir disso escreveu o livro *Sobre a Morte e o Morrer* (1997), no qual retrata um modelo de estágios diante da notícia da própria morte. Esse mesmo modelo de estágios é utilizado não só para as etapas do luto em morte física, mas quando se vivenciam experiências de perda, sejam elas reais ou de forma simbólica e que pode envolver um grande impacto emocional (KÜBLER-ROSS, 1997).

Com base neste estudo, Kübler-Ross (1997) desenvolveu fases que a pessoa vivencia na elaboração do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A seguir serão apresentadas as fases descritas pela autora.

A *negação* é a fase onde Kübler-Ross (1997) descreve que uma das frases mais citadas é “Não, eu não, não pode ser verdade”. A negação é uma defesa psíquica onde a pessoa nega o problema numa tentativa de encontrar alguma forma para não entrar em contato com aquela realidade, e isso ocorre por ser o início do processo, e normalmente é utilizado por todos aqueles que estão vivenciando uma notícia de grande impacto. Devido estar em processo de choque, começam a procurar outras respostas. “Conseguir uma explicação melhor para meus problemas”. São frases ditas nessa fase da negação (KÜBLER-ROSS, 1997).

O processo da negação é passageiro, assim dando espaço para os outros estágios. É o mecanismo de defesa que o paciente utiliza para dar início a todo o processo do luto. A negação é comparada como um “para-choque” após a notícia, e no tempo ideal o paciente vai elaborando todo esse processo e naturalmente

caminhando para o próximo estágio, chamado de raiva (KÜBLER-ROSS, 1997, p. 52).

Após passar pelo estágio da negação inicia-se o processo da *raiva*. “Porque eu”? Sendo essa a pergunta mais utilizada durante essa fase, nesse período o sujeito começa a sentir raiva de tudo e de todos, mesmo quando parece não ter um motivo específico para esse sentimento (KÜBLER-ROSS, 1997).

“O problema aqui é que poucos se colocam no lugar do paciente e se pergunta de onde vem essa raiva. Talvez ficássemos também com raiva se fossem interrompidas tão prematuramente às atividades de nossa vida” (KÜBLER-ROSS, 1997, p. 64).

Quando se encontram nesse estágio naturalmente as pessoas tendem a se isolar e procurar respostas para o que está vivendo (KÜBLER-ROSS, 1997).

A *barganha* é o estágio que se caracteriza como um estágio curto e pouco conhecido, porém, é de extrema importância nesse processo. As barganhas normalmente são feitas com Deus. “Se Deus decidiu levar-me deste mundo e não atendeu aos meus apelos cheios de ira, talvez seja mais condescendente se eu apelar com mais calma” (KÜBLER-ROSS, 1997, p. 65). Na esperança de mudança as pessoas que estão nesse estágio começam a mudar alguns comportamentos.

Quando a pessoa começa a tomar consciência que não pode mais mudar o percurso do que está ocorrendo, ela começa a entrar no processo de *depressão*, demonstrando ainda mais sentimentos de tristeza, sentindo-se inútil diante de toda situação. Ao passar por esse processo, não havendo mais sentimentos de tristeza, dor, culpa, superando a perda seja ela real ou simbólica, o sujeito irá para a outra fase.

A *aceitação* ocorre quando a pessoa compreende que é possível ou necessário passar por aquele momento e começa a enfrentar de forma consciente, respeitando todas as possibilidades e limitações que te pode ocorrer. A pessoa que chegou nessa fase, podendo passar por cada estágio, não necessariamente na mesma ordem, consegue elaborar o processo do luto com certo grau de tranquilidade.

Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegando o momento do “repouso derradeiro” antes da longa viagem (KÜBLER-ROSS, 1997, p.126).

Os diferentes estágios que as pessoas podem passar durante o processo do luto podem não acontecer de forma durável. O sujeito pode vivenciar algum dos estágios acreditando ter superado aquele momento, mas posteriormente pode retornar ao mesmo estágio, ou até mesmo extrapolar todas as fases e rapidamente chegar ao processo da aceitação. Não há um preceito de como e quando pode acontecer o processo da elaboração do luto, isso depende do histórico de vida de cada pessoa, é algo subjetivo (KÜBLER-ROSS, 1997).

De acordo com Elisabeth Kübler-Ross (1997), a única coisa que geralmente continua, em todos os estágios, é a esperança. Essa esperança de uma mudança no diagnóstico no qual a pessoa está passando no momento, faz com que o paciente e família enfrentem de uma forma mais serena o que ocorre em suas vidas.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 DESENHO DO ESTUDO

A pesquisa pautou-se no desenho de caráter qualitativo, com o objetivo metodológico exploratório. De acordo com o objetivo supracitado, o estudo utilizou-se da pesquisa qualitativa visto que preza pela valorização dos sentidos em que os sujeitos atribuem as suas experiências (FURLAN, 2008). Esta abordagem pauta-se na reflexão do homem sobre si mesmo, para tanto, leva em consideração as variáveis sócio-históricas e culturais. Portanto, torna-se indubitável a pertinência dessa vertente na investigação em questão (GONDIM, 2003).

A pesquisa qualitativa utilizou-se de aspectos reais que não podem ser como uma representação numérica, pois é voltada para a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Nesta perspectiva, a análise qualitativa depende de diversos fatores, “tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (GIL, 2002, p. 59).

O procedimento metodológico desta pesquisa caracterizou-se como estudo de caso. De acordo com Yin (2005), o uso do estudo de caso é apropriado quando pretende investigar o “como” e o “porque”, de um conjunto de eventos atuais. Segundo Gil (2002), uma pesquisa com este procedimento metodológico traz diferentes propósitos, na qual se enquadra esta pesquisa.

- 1) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- 2) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- 3) descrever a situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação;
- 4) formular hipóteses ou desenvolver teorias;
- 5) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos (Gil, pg. 75, 2002).

O mesmo autor ressalta que, de forma ampla, o estudo de caso tem como objetivo exemplificar algum tipo de experiência da realidade, baseando-se em discussão, análise e busca de solução para um determinado problema extraído da vida real (GIL, 2002).

O local de realização da pesquisa foi configurado como pesquisa de campo, tratando-se de pesquisa exploratória e com local de aplicação dos instrumentos

antecipadamente já estabelecidos. O instrumento de coleta de dados constituiu-se em um roteiro de entrevistas.

Utilizou-se como método de análise de dados a análise de conteúdo, que se baseia em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, este conjunto constitui-se sendo ele um instrumento marcado por uma diversidade de formas, possível de ser usado em um campo de aplicação extenso, sendo frequentemente utilizado pelas ciências sociais (BARDIN,1979).

Para uma análise de conteúdo é preciso uma administração de técnicas, para esta pesquisa foi utilizado a da categorização que busca alcançar o nível central da entrevista é quando analisa as falas já transcritas das participantes das pesquisas, vinculando cada fala com a teoria.

3.2 PROCEDIMENTOS

O objeto de estudo desta pesquisa foram duas famílias, composta pela avó, mãe e filha. Inicialmente a seleção para esta pesquisa seria realizada com alguma das integrantes da família, que utilizou do Serviço de Psicologia – SEPSI². Foram escolhidas diversas pessoas que já utilizaram do Serviço de Psicologia, porém, ao fazer o contato via telefone e repassando como ocorreria a pesquisa, as participantes necessárias, avó, mãe e filha escolhidas não preenchiam tais requisitos. Diante disso, por meio de indicações de outros estagiários do serviço (SEPSI), foram escolhidas duas famílias, compostas pelos membros familiares necessários para a pesquisa.

O contato foi realizado via telefone com as duas famílias, em uma delas o primeiro contato foi feito com a adolescente, e na outra família com a mãe da adolescente, sendo repassados os objetivos da pesquisa, de forma clara e respeitosa. Não houve critérios para escolha com relação a classe social das participantes. A pesquisa foi realizada no Serviço de Psicologia – SEPSI do Centro Universitário Luterano de Palmas - CEULP/ULBRA e teve como critério de inclusão o consentimento das participantes em querer participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

² O Centro Universitário Luterano de Palmas oferece como unidade complementar ao curso de Psicologia o Serviço de Psicologia – SEPSI, proporcionando aos acadêmicos suporte as atividades de ensino, pesquisa e extensão, através de serviços gratuitos prestados a comunidade.

Por se tratar de um estudo realizado com seres humanos, a coleta de dados seguiu as diretrizes e normas regulamentadas na Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012, proporcionando assim, a garantia de total sigilo e respeito a dignidade humana na prática da pesquisa. O estudo foi adequado aos princípios científicos e culturais, obedecendo a uma metodologia apropriada e respeitando os valores culturais, morais, sociais, éticos e religiosos, bem como hábitos e costumes dos envolvidos, garantindo a confidencialidade e a privacidade dos dados (BRASIL, 2012). É de grande importância ressaltar que esta pesquisa foi submetida ao CECEULP/ULBRA, por meio da Plataforma Brasil, procedimento que garante maior segurança quanto ao monitoramento ético da pesquisa.

Seguindo o cronograma previamente estabelecido, foram realizados dois encontros individuais com cada uma das integrantes de cada família (avó, mãe e filha), e um encontro em grupo com todas as participantes da mesma família. Não foi realizado um encontro com todas as integrantes das duas famílias, devido à indisponibilidade de horário e tempo de todas as participantes. Os encontros duraram em média 40 minutos. No primeiro encontro foi oferecido às participantes um momento de escuta, no qual o tema da pesquisa foi explorado, e nos encontros posterior foi seguido o roteiro de entrevista. Com o consentimento das participantes, todo o processo das entrevistas foi gravado através de áudio, e depois transcrito de forma verdadeira o que foi colhido em seus depoimentos.

As participantes assinaram os termos de consentimento livre esclarecido e o termo de consentimento da participação da pessoa como sujeito de pesquisa, conforme exigido pelo comitê de ética e pesquisa do CEULP/ULBRA.

Desta forma, a amostra da pesquisa foi realizada da seguinte maneira:

<p>16 Out – 1º encontro - Adolescente Família A - Jasmim- 16 anos; 17 out - período mat. – 1º encontro - Mãe família A - Violeta 38 anos; 17 out - período vesp. – 1º encontro - Avó família A - Margarida 72 anos; 18 out - período mat. – 1º encontro - Mãe família B - Orquídea 38 anos; 18 out - período vesp. – 1º encontro - Avó família B - Rosa 66 anos;</p>	<p>18 out - período vesp. 1º encontro - Adolescente Família B- Girassol - 17 anos; 19 out - período mat. – 2º encontro Adolescente Família A - Jasmim- 16 anos; 19 out - período vesp. – 2º encontro - Avó família A - Margarida 72 anos; 20 out - período mat. – 2º encontro - Adolescente Família B- Girassol - 17 anos;</p>	<p>20 out - período mat. – 2º encontro - Avó família B - Rosa 66 anos; 20 out - período vesp. 2º encontro - Mãe Família B- Orquídea- 38 anos; 20 out - período vesp. – Todas as participantes da família A; 21 out – Todas as participantes da família B.</p>
---	---	--

Todos os encontros com todas as participantes seguiram um mesmo critério. No primeiro, o TALE foi lido e assinado pela participante, posterior a isso, foi realizada uma escuta livre acerca do tema da pesquisa. No segundo encontro foi realizada a entrevista semiestruturada e o último encontro foi realizado em grupo, onde ocorreu uma escuta livre sobre o tema da pesquisa, e as participantes compartilharam juntas como foi a experiência dessa vivência.

Quanto ao procedimento de análise de dados, seguindo os princípios da análise de conteúdo, as entrevistas foram transcritas fielmente, após uma escuta minuciosa do conteúdo gravado no momento dos encontros com as participantes, garantindo, assim, a fidedignidade dos dados. Depois, foi realizada uma leitura das transcrições das falas na qual foram relacionados os dados coletados nos encontros com o tema pesquisado. Por fim, realizou-se a consequente integração e análise das informações a partir do referencial teórico já exposto.

4 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foi realizado um total de 14 encontros com 06 participantes de duas famílias diferentes, sendo elas: na família (A) adolescente chamada Jasmim de 16 anos, estudante do ensino médio que menstruou aos 12 anos; a mãe chama Violeta tem 38 anos, ensino superior completo, servidora pública e menstruou aos 14 anos; a avó chama Margarida tem 72 anos, ensino fundamental incompleto, aposentada e menstruou aos 15 anos.

A família (B) é composta pela adolescente chamada Girassol de 17 anos, estudante do ensino médio, Girassol tem uma filha de 03 anos e menstruou aos 12 anos; a mãe chama Orquídea de 38 anos, ensino médio completo, autônoma e menstruou aos 13 anos; a avó chama Rosa, tem 66 anos, ensino médio completo, dona de casa e menstruou aos 14 anos.

Todos os encontros iniciais ocorreram seguindo o mesmo critério, a apresentação da pesquisadora como psicóloga em formação, e a importância da pesquisa com essa temática. Após isso, foram colhidas as assinaturas no TCLE e no TALE.

Como exposto na metodologia, o primeiro encontro foi uma escuta livre acerca do tema. Ao perguntar para as participantes como foi sua primeira menstruação e o processo de mudança do corpo infantil para a adolescência, de uma forma geral, todas responderam com tranquilidade suas histórias.

A adolescência é uma fase que se categoriza por indecisão, medo, instabilidade, insegurança. Esta etapa da vida é marcada por mudanças biológicas com repercussões psicológicas e sociais, as quais impulsionam para um novo momento da vida. A adolescente se vê frente a uma configuração corporal desconhecida, que inicialmente pode ser assustadora, através da qual nas meninas ocorre a menarca (primeira menstruação). Tal fato se confirma a partir do relato das participantes, colhido para esta pesquisa.

Eu era magra, pequena, aí “puf” cresci, passava frente ao espelho e estava “enorme”, minha bunda, meus peitos. Senti vergonha às vezes. Usar sutiã era muito ruim, ir pra escola também era muito ruim parecia que todos estavam me olhando e sabiam o que aconteceu. Eu era uma criança, e fui crescendo e fiquei grande assim como você vê (Jasmim, 16 anos - família A).

Meu corpo foi se transformando aos poucos, e assim fui me adaptando com as mudanças. Não tinha muita noção de que meu corpo estava mudando, quando dei "fé" lá estava eu, um mulherão, grande. O olhar das pessoas me causava desconforto, lembro que aquilo me incomodava, os olhares masculinos às vezes, lembro disso!! (Violeta, 38 anos - família A).

Lembro que dentro de 01 ano eu fui mudando e fiquei uma baita de uma moçona né!? Eu era miúda e cresci, foi difícil ver tudo mudando, aí eu comecei a ter que usar sutiã, isso era ruim, as dores da cólica também, sofri muito com isso (Margarida, 72 anos - família A).

Só foi natural porque minha mãe me falou, senão, nem sei como seria, porque mesmo sabendo que iria vim, eu assustei demais, imagina se ela não me fala, fiquei com muita vergonha. Meu corpo foi mudando aos poucos, mas teve uma hora que vi que tinha mudado demais, eu já era grande, fiquei enorme. Fiquei com vergonha de ir pra escola, tinha medo de sujar minha roupa (Girassol, 17 anos - família B).

Já sabia que iria acontecer, mas eu era muito criança ainda, totalmente menina. Quando veio tentei agir naturalmente, como se nada tivesse acontecido, aí meu corpo foi crescendo, as pernas, eu "estiquei", só não crescia o peito, mas o resto, tudo cresceu, foi quando comecei a assustar, e como se a ficha tivesse caído (Orquídea, 38 anos - família B).

Meu corpo começou a crescer, desenvolveu, e o povo de fora que dava fé, eu acho que eu mesmo nem via mudanças, mas quando as pessoas me falavam, começava a ver que estava mudando mesmo, eu ficava triste (Rosa, 66 anos - família B).

Percebe-se, através das falas das participantes, que existe um grau de sofrimento por essas mudanças notáveis do corpo, que passa por uma transformação natural. Referente ao luto pelo corpo infantil, nota-se que na adolescência há um processo de despersonalização, a pessoa é levada a desligar-se do corpo infantil. Separação esta que pode ser angustiante, por ser algo novo e desconhecido. Assim, surge um corpo carregado de mudanças físicas, psicológicas e sociais, trazendo significados que podem corroborar para um novo eu.

As pessoas ficavam falando você é uma moça já. E eu era uma menina, brincava de boneca, brincava na rua correndo, eu deixei de brincar quando engravidei, aí que parei, eu era uma menina, uma criança, aí tive que me adaptar com isso, com as mudanças (Girassol, 17 anos - família B).

Eu sempre gostei de short, nunca gostei de saia, nessa época foi quando tomei mais raiva ainda de saia e vestido. Pra eu ir ao mercado tinha vergonha igual te falei né, tinha que comprar absorvente, tinha muita

vergonha disso, muito mesmo, eu preferia usar os paninhos que minha me dava, naquela época tinha muito disso, mas ir ao mercado de jeito nenhum, tinha vergonha (Orquídea, 38 anos - família B).

Uma das coisas que mais sofri foi as cólicas, muito sofrimento chorei, muito sabe. Sentia saudades de quando era criança e não sentia essas dores. De um modo geral foi tranquilo passar por isso, mas senti muita saudade de quando era criança e não precisava me comportar como uma moça, falavam sempre “senta igual moça”, você agora é uma (Violeta, 38 anos - família A).

Hoje é tranquilo o meu corpo, eu acho, (risos), na verdade ainda não sei. Às vezes quero voltar a ser criança, e poder ficar andando pela casa só de calcinha. As pessoas olham pra gente diferente, parece que tem desejo. É estranho, por mais que você esta acostumada com isso, é estranho, ainda tenho 16 anos, sei que meu corpo vai mudar muito ainda. Fico muito confusa ainda de como vai ser (Jasmim, 16 anos - família A).

Tudo era tão diferente na minha época, a gente sofria muito, sem conhecimentos das coisas. Não tinha absorvente naquela época, usava paninho, lavava e usava. Tinha que ter repouso, não ficava descalço, nem poderia pegar friagem, tinha que tomar cuidado com a comida que comia, não podia lavar o cabelo. Um monte de coisas que não poderia fazer que hoje faz, chupar limão de jeito nenhum. Tinha medo demais, era tipo um resguardo sabe. Hoje as pessoas fazem tudo, sai no sol, pega peso, na minha época não tinha isso não, acho que a gente sofria mais, sem informações (Margarida, 66 anos - família B).

Na adolescência além do luto pelo corpo infantil, existem outros dois lutos: o luto pela identidade infantil; e o luto pelos pais da infância.

O luto pela identidade infantil é categorizado onde o adolescente confronta-se com uma nova estrutura subjetiva, isto é, outra identidade. Nesse momento, a adolescente passa a ter outras funções, novos papéis e novas responsabilidades. Torna-se possível, através das narrativas de algumas das participantes, a vivência dessa fase na transição da infância para a adolescência.

Depois que minha menstruação veio, até na escola às vezes me atrapalha até nos estudos, me sinto mais tímida depois que isso aconteceu. Eu tive que mudar, ainda estou mudando, não tem jeito, tem que amadurecer, tomar outras decisões. Tudo nessa fase parece que é mais difícil. Minha mente fica me cobrando pra tomar as minhas decisões, não preciso perguntar pra ninguém. Tenho que escolher uma profissão, já que estou saindo do ensino médio, e tenho que fazer isso só, já que é o meu futuro (Jasmim, 16 anos - família A).

Eu fiquei mais tímida depois disso. Até eu me acostumar com isso demorou um pouco. Mesmo estando mais tímida percebi que comecei a ter mais coragem em fazer as coisas só, parecia que antes tudo precisava pedir, até pra escolher o que comer. Parecia que tudo precisava de permissão, daí vi que sozinha poderia fazer (Girassol, 17 anos - família B)

No que diz respeito ao terceiro luto que é pelos pais da infância, é possível identificar essa passagem através das narrativas de algumas das participantes. A autora descreve que isso ocorre quando o adolescente se depara com a separação daqueles pais que transmitiam cuidado, atenção, conforto e proteção desmedida, ele pode vivenciar essa passagem. Assim como “ocorre que também os pais vivem o luto pelos filhos, precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil” (ABERASTURY, 1992, p. 15).

Quando veio a dela, e fui vendo ela mudando, o quadril crescendo eu ficava um pouco com ciúmes entende, pensava exatamente nisso que aconteceu, dela ter um filho, ela é muito responsável, mas as vezes fico olhando ela com a filha dela e fico lembrando dela, pequenina onde eu que banhava, cuidava, mas agora ela é uma mulher, a gente tem que aceitar isso, não é. Eu até que fiquei feliz quando veio a dela, comprei absorvente, deixei dentro do quarto, em um lugar que ela poderia pegar sem precisar me contar, e assim aconteceu. Eu tinha uma mocinha dentro de casa, ficava olhando ela por horas, e pensando: Meu Deus cadê minha menininha (Orquídea, 38 anos - família B).

Às vezes pedia as coisas pros meus pais, tipo coloca a comida pra mim, ou lava meu tênis, e sai um “se vira você já é grande”, olhava pra eles e queria nem acreditar que eles estavam sendo tão chatos, e isso acontece direto (Jasmim, 16 anos - família A).

No que diz respeito aos estágios do luto que são propostos por Elizabeth Kübler-Ross (1997), sendo eles: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, pode-se observar, nas falas explicitadas acima, que é possível identificar a fase que é a da negação. Todas as participantes, mesmo sabendo que ocorreria esse processo natural da transformação do corpo infantil para adolescência, vivenciaram o sofrimento desta mudança, de forma que demonstravam um desejo em ter o seu corpo de criança novamente.

Lembro que no início ao dormir ficava pensando como seria a partir de agora, que eu estava me tornando uma moça, hoje é adolescente né? Antes a gente chamava de moça e rapaz. Não me lembro de como aconteceu,

mas sei que fui obrigada a crescer saber? Até as “coisas” de escola mudaram, ainda bem que hoje é mais fácil, eu acho, vejo minhas filhas “espertas” sabem de tudo em relação a isso (Violeta, 38 anos - família A).

Nessas horas eu tinha certeza que eu não queria ter menstruado, era melhor viver sem aquilo. Por isso eu optei por não menstruar mais, depois da minha última filha, porque não preciso mais disso (Orquídea, 38 anos - família B).

Nota-se também que algumas falas das participantes trazem um processo de raiva, que é categorizado como outra fase do luto. Essa fase acontece quando a pessoa não consegue manter-se firme no processo de negação, dando espaço para um sentimento de raiva ou revolta.

Para mim uma das coisas mais difíceis foi quando vi um sinal de estria, aquela marcar, chorei muito, sentir tanta raiva do que estava acontecendo. Senti tanta, mas tanta vontade de voltar atrás, e ser como eu era. (Jasmim, 16 anos - família A).

As pessoas falavam que eu tinha que sentar igual uma moça, que agora eu era uma moça, tudo era isso, o tempo todo, ficava com raiva, até chorava às vezes (Violeta, 38 anos - família A).

Nasci muita espinha, muito, meu rosto mudou muito, a gente engorda muito fácil nessa época. Tudo muda, os homens olham diferente pra gente, é estranho isso, da uma raiva de ter que passar por isso todo mês (Girassol, 17 anos - família B).

Eu jogava bola nessa época, num time de voleibol, quando tinha jogo e eu estava naqueles dias, nossa, que raiva que me dava, mas mesmo assim eu ia, mesmo estando assim. Isso não me impedia de ir, era chato, ruim jogar assim, até porque meus shorts eram apertados e curtos, aí eu ficava com muita vergonha, porque parecia que estava mostrando, até me acostumar com isso demorou viu (Orquídea, 38 anos - família B).

Outro estágio que ocorre é o da barganha, para este estágio não houve relatos das participantes que podem categorizá-lo. No estágio que é o da depressão, mesmo havendo falas de tristeza, sentimentos associados à depressão, não se pode confirmar com convicção que as participantes que relataram sentir-se muito triste, permaneceram nessa fase.

Seguem falas que podem se relacionar com o sentimento de tristeza.

Ficava sempre triste quando vinha minha regra, chorava e me trancava no quarto, chorava, ficava questionando o porquê que aquilo estava acontecendo, hoje entendo que é a TPM que as pessoas fala, mas naquela

época era uma tristeza muito forte, sem saber o porquê, eu sentia muita vergonha, não queria sair de casa, não ver ninguém... Tinha muita vergonha disso, muita mesmo, como te falei, queria ficar no meu quarto isolada. (Rosa, 66 anos - família B).

Isso é tão ruim, quando vejo já estou triste, chorando, e muitas vezes brigando sem nem saber o porque. Quando me sinto assim, fico isolada, não quero ver ninguém (Jasmim, 16 anos - família A).

O último estágio, é o da aceitação, que ocorre no momento em que a pessoa que está vivendo momentos de sofrimentos, teve seu tempo necessário para elaborar o que está ocorrendo em sua vida. De forma natural, sentimentos como o de negação, raiva, depressão não fazem mais parte desse processo. Diante disso a pessoa vai ao encontro da aceitação da realidade, sendo possível identificar esse processo nas próximas falas.

Hoje gosto muito do meu corpo, mas demorei em torno de 01 ano pra aceitar ele como é (Jasmim, 16 anos - família A).

Foi passando, quando vi, já era natural. Demorou um pouco, mas foi acontecendo, até que virou rotina. Não me lembro de como foi que aceitei isso, mas acho que foi igual falei, foi acontecendo (Violeta, 38 anos - família A).

Mas foi passando e com certo tempo eu fui me acostumando com aquelas coisas, com meu corpo, com as dores, ai já era tudo natural mesmo (Margarida, 72 anos - família A).

Depois me acostumei, minha mãe me ajudou muito, mas no começo não foi tão natural não. Mas depois a gente entende que isso é natural, toda mulher menstrua (Girassol, 17 anos - família B).

Ai a gente acostuma mesmo, depois vem às filhas as netas, e tudo vai ficando normal. Você nem lembra como ficou normal (Rosa, 66 anos - família B).

Dentre os conteúdos analisados, o referencial teórico apresenta o percurso de seleção pela qual as narrativas desse projeto passaram. Encaixam nos critérios de inclusão da pesquisa as diversas falas, atitudes, sentimentos, que confirmam com os estágios do luto proposto por Kübler-Ross (1997), assim como as fases da transição da infância para adolescência, propostas por Aberastury (1992).

Entende-se que o processo das mudanças que irão ocorrer no corpo da adolescente, com a chegada da menarca, é um acontecimento natural do corpo feminino e que todas as meninas irão passar por ele para se tornar mulher, porém, para algumas esse processo ocorre de forma mais lenta e de forma mais difícil de ser aceita.

O ritual que ocorre entre a infância e adolescência é marcado pela menarca. Todas as participantes em seus relatos demonstraram sentir uma emoção quando ocorreu esse fenômeno em sua vida. Mesmo relatando os sentimentos de angústia, confusões e de ambivalência, foi possível identificar que é um momento que trás grandes significados para a formação feminina. Independente da geração que foi, e quando ocorreu para cada uma, foi possível observar que a menarca e suas mudanças são um marco na vida da mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível, através da construção desta pesquisa, concluir de forma prática e teórica que o processo de mudança física que ocorre no corpo feminino na transição da infância para adolescência gera conflitos físicos, psicológicos e emocionais. A adolescente entra em um mundo novo, vivenciando perdas as quais precisam elaborar para encarar as novas instabilidades de um jeito menos impactante. De tal maneira, precisa dar novos sentidos as suas vivências, para que as novas mudanças que estão ocorrendo em sua vida aconteçam de forma positiva.

A pesquisa discutiu acerca das mudanças do corpo da adolescente no processo da transição da infância para essa fase. Como já exposto, nessa fase a adolescente experimenta uma passagem conturbada no processo de identificação, quando perde a identidade de criança para outra totalmente desconhecida e assustadora. Já que esta, por sua vez, expõe a adolescente viver as experiências do mundo adulto.

Compreende-se que esse processo de sentir de forma conflituosa as mudanças que ocorrem nesse período é subjetivo, podendo gerar ou não sofrimento para essa nova mulher. Deve-se ressaltar que quanto mais resiliência houver durante essa fase, mais fácil se torna a elaboração dessa passagem.

A importância da intervenção psicológica nessa fase vem para aquelas adolescentes que não conseguem vivenciar de uma forma mais natural e calma a transição da infância para a adolescência. Sabemos que quanto mais tranquila e informada essa jovem estiver durante a passagem desse momento, que é de ordem fundamental para a construção de si e para seu amadurecimento, mais haverá a aceitação desse novo corpo, e dessas novas experiências. A ajuda psicológica é uma ferramenta de extrema importância nesse processo, podendo auxiliar não só essa mulher a vivenciar essa transição, mas aos pais que estão diretamente ligados a este momento, e que às vezes não sabem como lidar com tais situações.

A pesquisa mostrou-se relevante academicamente por trazer uma visão de compreensão mais ampla destas experiências, no que tange à mudança do corpo feminino da infância para adolescência, sendo necessários estudos que abrangem cada vez mais esse tema para um entendimento de como são as vivências da mudança do corpo neste período.

A pesquisa revelou-se importante para a pesquisadora por trazer uma ampla visão teórica sobre a transição do corpo infantil feminino para adolescência. Bem como, por possibilitar a aquisição de um maior suporte técnico para intervenções voltadas a esse campo de estudo. Foi possível com essa pesquisa e o contato com as participantes observar como é significativa essa transição que ocorre durante esse processo chamado menarca. Essa observação foi além das mulheres participantes da pesquisa, em conversas informais com outras mulheres havia relatos desse sentimento de estranheza de um novo corpo que é vivenciado na transição da infância para adolescência, confirmando assim, que o processo dessa transformação corporal é tão importante para uma mulher.

Notou-se assim, de acordo com as análises realizadas, que independente da geração em que ocorreu o processo da menstruação das participantes, a angústia por conta das mudanças que ocorrem nessa fase é similar. Percebe-se a importância de orientações no decorrer dessa fase, para que essa nova adolescente entre em contato com o seu novo corpo de forma mais natural.

Dessa forma, acredita-se que demais pesquisas nessa temática poderão contribuir para o enriquecimento de conhecimentos, assim como práticas de intervenções psicológicas em relação à transição que ocorre da infância para adolescência. Sugere-se também pesquisas que envolvam a passagem que ocorre nessa mesma fase no corpo masculino.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre, RS: Artmed, 1992.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª edição. Rio de Janeiro: LCT, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BONA, Viviane de. **Tecnologia e Infância**: ser criança na contemporaneidade. Recife 2010. Disponível em: < <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3812>> Acesso em: 26/05/2017.

BOWLBY, John. **Apego e perda**. Volume I: apego. 2. Ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BRÊTAS, José Roberto da Silva, et al. Significado da menarca segundo adolescentes. **Acta paul enferm**, v. 25, n. 2, p. 249-55, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n2/a15v25n2> Acesso em 11 de junho de 2017.

CAMPAGNA, Viviane Nanur. N. **A identidade feminina no início da adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira, BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper, e col. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (Brasil). **Resolução n ° 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html. Acesso em 10 out. 2017.

DEL CIAMPO, L. A.; DEL CIAMPO, I. R. Adolescência e imagem corporal. **Adolescência Saúde**, v. 7, n. 4, out./dez. 2010.

FLAVELL, John. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1988.

FUKAMACHI, Katiane Holanda et al. **Percepção da autoimagem corporal de adolescentes modelos**: dois estudos de caso. São Paulo, v. 14, n. 14, p. 80-101, out. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 abr. 2017.

FURLAN, Reinaldo. A questão do método na psicologia. **Psicol. estud.** Maringá, v. 13, n. 1, p. 25-33, Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a03.pdf>>. Acesso em 25 de Maio de 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4^o edição. Editora Atlas. São Paulo, 2002.

GONDIM, Sonia Maria Guedes. Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. **Paidéia**, 2003, 12(24), 149-161.

HORNEY, Karen. **Psicologia Feminina**. Editora Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, 1991.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Editora Martins Fontes. Rio de Janeiro, 1997.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência**: Reflexões Psicanalíticas. Porto Alegre. Ed Artes Médicas, 1995.

MEURER, Flávio Roberto. **Gente Inocente!? E a transformação da criança em atração midiática**: um programa de TV como mediação da crise da infância. Tese de Mestrado. Porto Alegre: UFRS, 2002.

OLIVEIRA, João Batista Alves e LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho**. Maringá, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a03v13n2>> Acesso em: 16 de março de 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE - **OMS** (1965). Problemas de saúde e adolescência. O.M.S (Informe técnico n° 308).

OSÓRIO, Luís Carlos. **Adolescente hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OZELLA, Sergio. **Adolescência construídas**: A visão da psicologia sócio-histórica. 1^o edição. São Paulo: Cortez, 2003.

PEREIRA, Antônio Carlos. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo – SP: Harbra, 2005. 155 p.

RAPPAPORT, Clara Regina. et.al. **Psicologia do desenvolvimento**. A infância inicial: O bebê e sua mãe, volume 2. São Paulo – SP, EPU, 13^o reimpressão, 2001. 90 p.

RUFFINO, Rodolpho. **Sobre o lugar da adolescência na teoria do sujeito**: Adolescência: uma abordagem psicanalítica. São Paulo: EPU, 1993. 25-53 p.

SCHOEN-FERREIRA, T. H. et al. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol.** Vol. 8. Natal, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdd>> Acesso em 18 de Abril de 2017.

SERON, Camila. et al. A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. **Psicol. teor. prat.** Vol. 13. São Paulo, 2011. 154-164. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100012&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 19 de Abril de 2017.

SOUSA, Ana Cleide Vasconcelos. **Idade da menopausa e da menarca**: inquérito populacional em mulheres climatéricas. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em saúde da mulher e saúde materno-infantil) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

TIBA, Içami. **Puberdade e adolescência**: Desenvolvimento Biopsicossocial. 6. Ed. São Paulo: Agora, 1986. 236 p.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada participante...

Você está sendo convidada para participar, como voluntária da pesquisa intitulada “**O LUTO PELO CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA**”. Eu, Lauana Paula B. Garcia, estudante do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP/ULBRA e responsável pela pesquisa, orientada pela Professora Doutora Irenides Teixeira. Abaixo serão esclarecidos detalhes sobre a pesquisa e se você tiver interesse, deverá assinar nos campos em que se pede seu nome e assinatura nesse documento, em duas vias iguais, sendo que uma delas fica com você. Em caso de recusa, você sofrera nenhum tipo de penalidade por isto.

I. Objetivo e justificativa da pesquisa: o objetivo da pesquisa é Compreender de que forma ocorre a passagem do corpo infantil feminino a partir da adolescência. De que forma foi vivenciada essa experiência por cada participante da pesquisa. Assim, a presente pesquisa é importante porque pode contribuir para uma melhor compreensão de tal experiência.

II. Procedimentos para coleta de dados: Sua participação envolve responder a um roteiro de perguntas, a ser realizada no Serviço de Psicologia – SEPSI, em um prazo mínimo de 03 (três) encontros de aproximadamente 60 minutos cada. Todo o processo das entrevistas será gravado, apenas com gravações de áudio, para depois ser transcrito de forma verdadeira o que foi colhido em seus depoimentos.

III. Utilização das informações coletadas: os dados coletados ficarão sob minha guarda. Após passarem pelo processo de análise, estes dados serão arquivados e ficarão guardados por mim durante o período de cinco anos.

IV. Dos riscos: O principal risco que as participantes estarão submetidas relaciona-se ao conteúdo abordado na pesquisa. Poderão suscitar-se sentimentos dolorosos ou desconfortáveis, devido estar levantado assuntos que podem trazer sentimentos de tristezas, entre outros. Podendo assim, precisar de um atendimento psicológico. Caso haja necessidade, as participantes serão encaminhadas para alguns dos serviços que são oferecidos pelo Serviço de Psicologia (SEPSI) do Centro Universitário Luterano de Palmas – TO (CEULP/ULBRA). Porém, será oferecido um cuidado minucioso para que não haja nenhum transtorno para as participantes.

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

V. Benefícios: sugere-se que as participantes obterão como benefício da participação da pesquisa a oferta gratuita de um momento de escuta executada por estagiária/pesquisadora apta a ouvi-las sem preconceitos, pré-julgamentos, e com plena aceitação de qualquer conteúdo que as mesmas trouxerem para o espaço de realização da pesquisa.

VI. Forma de acompanhamento e assistência: você tem o direito de esclarecer todas as dúvidas que surgirem a qualquer momento, tendo conhecimento que o seu nome jamais será divulgado.

VII. Liberdade de recusar, desistir e retirar o consentimento: você tem absoluta liberdade para recusar, desistir e retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem que isto acarrete penalidade ou prejuízo de qualquer natureza para você.

VIII. Garantia de sigilo e privacidade: é de minha responsabilidade manter a sua privacidade, em absoluto sigilo, conforme Conselho Nacional de Saúde CNS466/12. Os resultados alcançados com a pesquisa poderão ser divulgados em publicações científicas desde que sua identidade seja mantida em total sigilo.

IV. Ressarcimento e indenização: os gastos referentes à participação na pesquisa serão assumidos por mim. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Não há nenhum tipo de remuneração pela sua participação nesta pesquisa, uma vez que se trata de uma ação voluntária. É seu direito ter acesso aos resultados da pesquisa. Quando encerrada a pesquisa, entrarei em contato com você e, caso tenha interesse, conversaremos sobre os resultados. Se tiver qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (63) *****. Durante todo o período da pesquisa, você tem o direito de tirar qualquer dúvida e de solicitar esclarecimento sobre questões éticas, no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEPCEULP, através do telefone (63) 3219-8076.

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

CONTATOS

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas – CEPCEULP.
Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas – TO CEP 77.018-900. Telefone:
(63) 3219-8076. E-mail: etica@ceulp.edu.br

Lauana Paula B. Garcia

Irenides Teixeira

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você, _____,

está sendo convidada para participar da pesquisa **“O luto pelo corpo infantil feminino a partir da adolescência”**, que será realizada no Serviço de Psicologia (SEPSI) do CEULP/ULBRA. Nesta pesquisa, você responderá um breve questionário com perguntas semiestruturadas, um dos encontros será realizado em grupo, junto com a sua mãe e sua avó. Os encontros ocorrerão semanalmente que terá em média a duração de 50 minutos. O objetivo da pesquisa é conhecer a experiência de como é vivenciada a transição do corpo infantil para a adolescência.

No período que a acontecerá a entrevista a sua fala e das demais participantes será gravada, porém, as suas informações pessoais não serão divulgadas, ou seja, os resultados da pesquisa vão ser divulgados, mas não falaremos para as outras pessoas coisas como o seu nome ou das outras participantes. Seus pais permitiram que você participe da pesquisa, mas você não precisa participar se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se não aceitar ou se quiser desistir durante a pesquisa.

Se decidir participar, é importante saber que a maneira utilizada para colher e guardar suas informações para a pesquisa é considerada segura, mas, caso aconteça algo errado, você terá nosso apoio, podendo nos procurar pelos telefones e endereços abaixo. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Lauana Paula B. Garcia

Irenides Teixeira

Participante

Acadêmica pesquisadora

Pesquisadora responsável

ASSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA COMO SUJEITO DA PESQUISA

Eu _____ aceito
participar da pesquisa **“O luto pelo corpo infantil feminino a partir da adolescência”**.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que nada me acontecerá por isso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Local e data _____, ____ de _____ de 2017

Assinatura do Participante

Assinatura da Acadêmica Pesquisadora
Lauana Paula B. Garcia

Assinatura da Pesquisadora Responsável
Profa. Dra. Irenides Teixeira

Roteiro de entrevista com participantes da pesquisa

1° ENCONTRO (1º SEMANA)

Objetivo: Conhecer a entrevistada e estabelecer vínculo. Após uma breve apresentação da pesquisadora e apresentados novamente os objetivos da pesquisa serão levantadas as seguintes informações de cada uma das participantes.

1 – DADOS PESSOAIS:

NOME:

IDADE::

2 – BREVE RESUMO DA HISTÓRIA DE VIDA DA PESQUISANDA.

“Gostaria que me contasse um pouco da sua história de vida.”

2 ° ENCONTRO (2º SEMANA)

Objetivo: Saber como foi à elaboração individual de cada participante a partir do primeiro encontro, proporcionando o encontro das três integrantes da mesma família no *setting* terapêutico.

“Como está sendo para vocês a experiência deste momento?”

3° ENCONTRO (3º SEMANA)

Objetivo: Levantar os dados centrais da pesquisa a partir de uma pergunta direto ao tema pesquisado.

“Como foi vivenciada a transição da infância para adolescência. Quais as experiências que mais marcaram este período?”

4° ENCONTRO (4º SEMANA)

Objetivo: Saber como está até o momento a elaboração em grupo de cada família, conforme no segundo encontro, proporcionar essas vivência.

“E a partir do que já foi vivenciado, como está sendo para vocês cada momento desta experiência?”

5° ENCONTRO (5º SEMANA)

Objetivo: Uma escuta individual de como foi para cada participante e como se sente a partir de entrar em contato com essas experiências. Caso alguma das

participantes tenha entrando em contato com algum sentimento indesejado, será encaminhada para psicoterapia no SEPSI.

“Como você define os momentos que foram vivenciados, individualmente e em grupo com a sua família?”

6° ENCONTRO (6° SEMANA)

Objetivo: Um encontro com todas as participantes da pesquisa, de ambas as famílias, para uma escuta de como foi todo processo. Por fim, haverá uma devolutiva com o grupo.

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, Thais Moura Monteiro, abaixo assinado, responsável pelo Serviço Escola de Psicologia do CEULP/ULBRA (SEPSI), coparticipante no projeto de pesquisa intitulado: **O LUTO PELO CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA**. DECLARO ter lido e concordado com a proposta de pesquisa da pesquisadora proponente, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS466/2012 e a Norma Operacional CONEP 001/13. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, 14 de agosto de 2017.


Thais Moura Monteiro
 Coordenadora do SEPSI
 Responsável Técnica
 CRP-23/1302

Thais Moura Monteiro
 Coordenadora do SEPSI
 Responsável Técnica
 CRP 23/1302



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16 D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

DECLARAÇÃO DA PESQUISADORA RESPONSÁVEL

Eu, IRENIDES TEIXEIRA, abaixo assinado, pesquisadora responsável envolvida no projeto intitulado: **O LUTO PELO O CORPO INFANTIL FEMININO A PARTIR DA ADOLESCÊNCIA**. DECLARO estar ciente de todos os detalhes inerentes à pesquisa e COMPROMETO-ME a acompanhar todo o processo, prezando pela ética tal qual expresso na Resolução do Conselho Nacional de Saúde – CNS nº 466/12 e suas complementares, assim como atender os requisitos da Norma Operacional da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP nº 001/13, especialmente, no que se refere à integridade e proteção dos participantes da pesquisa. COMPROMETO-ME também à anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo sigilo. Por fim, ASSEGURO que os benefícios resultantes do projeto retornarão aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Palmas, 13 de setembro de 2017.

Irenides Teixeira

Irenides Teixeira

Psicóloga / Professora do CEULP

CRP: 23/463

Irenides Teixeira
Psicóloga nº CRP 23/463
CPF: 574.809.051-91

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
LUTERANO DE PALMAS -
ULBRA**



Continuação do Parecer: 2.292.774

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após leitura e análise do projeto se observou que as inadequações apontadas na última relatoria foram devidamente atendidas. Assim, o projeto está apto a ser executado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_930599.pdf	15/09/2017 11:46:37		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	15/09/2017 11:44:57	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PESQUISADOR.pdf	15/09/2017 11:44:38	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	15/09/2017 11:44:24	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	15/09/2017 11:44:07	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	15/09/2017 11:43:13	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	16/08/2017 23:40:41	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INSTITUCAO.pdf	16/08/2017 23:40:18	LAUANA PAULA BARBACENA GARCIA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida Teotônio Segurado, 1501 Sul Prédio 5 Sala 541
 Bairro: Plano Diretor Sul CEP: 77.019-900
 UF: TO Município: PALMAS
 Telefone: (63)3219-8076 Fax: (63)3219-8005 E-mail: etica@ceulp.edu.br